

A roda de Conversa e a democratização da fala
– Conversando sobre educação de infância e dialogicidade –

Adilson Lopes*
Zelma Castelan**
Véra pestana***

*"... o espaço do educador democrático,
que aprende a falar escutando,
é cortado pelo silêncio de quem, falando,
cala para escutar o outro a quem,
silencioso, e não silenciado, fala."*

(Paulo Freire, na página 132 da sua "Pedagogia da Autonomia")

Resumo

A reflexão sobre o papel da fala/diálogo na educação de infância pode-se constituir um tema bastante interessante, principalmente quando pretendemos questionar algumas ideias construídas em torno do próprio conceito de "infância", que parece representar a criança como sujeito da não fala ou indivíduo cuja fala lhe é negada.

A comunicação que estamos a propor pode ser caracterizada como uma interlocução a várias vozes sobre o exercício da fala na educação de infância. A partir de representações sobre as "Rodas de Conversa", recolhidas entre educadoras e crianças de dois Centros de Educação Infantil, busca-se, no confronto com ideia de Paulo Freire, estabelecer um diálogo acerca do papel e da importância que o exercício democrático da fala pode ter no trabalho desenvolvido com miúdos.

Neste sentido, as ideias de Paulo Freire são trazidas como forma de aprofundar o debate em torno desta discussão, uma vez que a sua produção incide, principalmente, sobre o diálogo como possibilidade de encontro com o mundo, encontro que pode conduzir a um entendimento e a uma intervenção sobre este mesmo mundo.

Muito utilizada no início das actividades com as crianças, a Roda de Conversa¹ pretende ser, na educação de infância, um espaço de partilha e confronto de ideias, onde a liberdade da fala e da expressão proporcionam ao grupo como um todo, e a cada indivíduo em particular, o crescimento "na compreensão dos seus próprios conflitos" (Freire, 2002a). Cada criança é desafiada a participar do processo, tendo o direito de usar a fala para expressar suas ideias, emitir suas opiniões, pronunciar a sua forma de ver o mundo.

* - Doutorando em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto; bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

** - Directora do Centro de Educação Infantil "Amábilis Zanelatto Quimquim", São Mateus, Espírito Santo, Brasil.

*** - Directora do Centro de Educação Infantil "Santo António" e Presidente do Conselho Municipal de Educação de São Mateus, Espírito Santo, Brasil.

¹ - Podemos encontrar diferentes expressões para caracterizar esta mesma actividade: "hora da roda", "hora da novidade", "hora da conversa" ou, simplesmente, "rodinha".

A Roda de Conversa é caracterizada por algumas educadora de infância como *“um dispositivo pedagógico muito importante, mas extremamente desafiante”*². A sua importância se justifica pelas possibilidades que proporciona em termos do exercício da responsabilidade individual e colectiva, do estabelecimento de metas e normas, a administração de problemas e conflitos, a tomada de decisões colectivamente e a prática da democracia. Para DeVries & Zan (1998), no trabalho desenvolvido com crianças, esta actividade pode ser caracterizada como a mais importante e tem os seus objectivos enquadrados em duas amplas categorias: sócio-moral e cognitiva. Através delas crianças

“aprendem que todas as vozes têm uma chance de ser ouvidas, que nenhuma opinião tem mais peso do que a outra e que têm o poder de decidir o que ocorre em sua classe”; (...) praticam o respeito e a cooperação mútua enquanto trabalham juntas, escutam umas às outras, trocam opiniões, negociam problemas e votam para tomar decisões que afectam todo o grupo” (e também) “promovem o desenvolvimento geral do raciocínio e inteligência (...) e a construção do conhecimento em uma variedade de conteúdos” (DeVries & Zan, 1998: 116).

Por sua proposta de constituição como espaço do exercício democrático, onde a fala e a sua escuta são os principais instrumentos de participação, a Roda de Conversa torna-se uma actividade *“desafiante”* para o adulto que proporciona a sua dinamização. Desafiante porque exige que ele *“tendo um papel de participante igual ao das crianças, tenha também o papel de coordenador da conversa, sem, no entanto, impor suas ideias ao grupo, castrar a altivez das crianças (como dizia Paulo Freire), tolher sua forma de organizar e apresentar ideias”*. A própria disposição física dos participantes da actividade (incluindo aí o adulto) – geralmente sentados em forma circular – representa de forma tangível o sinal de pertença democrática ao grupo.

A Roda de Conversa pode se dar em diferentes momentos ou situações. Nos momentos *“instituídos”*, ela aparece como parte do planeamento realizado pelo educador e tem por grande objectivo a construção de ideias em torno de um tema gerador e das actividades necessárias para o desenvolvimento do processo. Nestes momentos as crianças são desafiadas a problematizar as questões que surgem e motivadas a uma apropriação do trabalho proposto, de tal forma que *“se vejam nas actividades e as percebam como algo delas próprias”*. Nestas situações, os temas discutidos na Roda de Conversa são, geralmente, apresentados pelo educador. Mas há que ressaltar a preocupação com a não manipulação das ideias construídas, uma vez que *“quem dá o mote, pode determinar o conteúdo ou direccionar as decisões”*.

Mas a Roda de Conversa pode se configurar nos momentos em que determinadas situações surgem e precisam ser resolvidas, conflitos precisam ser gerido, decisões precisam ser tomadas, ideias mais complexas precisam ser discutidas. Nos momentos *“exigidos”*, o educador como alguém que *“identifica as tensões que vão surgindo no interior do grupo”*, propõe a realização de *“uma conversa”*, onde *“a situação é confrontada por todos”* e em torno da qual se vai *“dando as variações que é a contribuição de cada um”*. Nesta ocasião, a roda funciona como *“um dispositivo democrático, um meio onde as crianças e os adultos podem ir compreendendo*

² - Os textos que se encontram escritos entre aspas e em itálico são falas recolhidas entre as educadoras e técnicas de dois centros de educação infantil, que buscam exprimir as representações que têm sobre a Roda de Conversa.

as questões que geram no grupo situações de mal-estar, de desconforto, de conflito... e emitindo suas ideias, seus sentimentos e seus desejos vão discutindo formas de resolver estas questões”.

Tanto em uma como em outra situação a Roda de Conversa é caracterizada pelos educadores de infância como um recurso pedagógico *“que vai proporcionando o uso da palavra, que não é apenas som... mas que é, também, pensamento, concepção de mundo, acção, posicionamento diante da realidade”.*

Para Paulo Freire “uma das tarefas da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade” (Freire, 2002b: 140).

Nas “falas” recolhidas entre as educadoras de infância, sobre a significação da Roda de Conversa, percebemos determinada confluência com algumas destas ideias que configuram o pensamento Freireano.

Neste sentido, podemos destacar o **respeito ao saber do educando** e a **problematização da realidade**, como pontos de partida de um processo educativo que permite ao educando “participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história” (Freire, 1991: 16). A **significação da aprendizagem** e o sentido que em torno dela é construído, se afirmam na mesma medida que buscam responder às exigências do grupo onde ela se dá.

É em torno das realidades humanas dos seus sujeitos (e principalmente em torno das tensões que colocam os sujeitos humanos frente a estas realidades) que a educação vai procurando tecer e confirmar o seu sentido, possibilitando aos seus sujeitos o **exercício democrático** da expressão ideias, sentimentos e desejos. Neste sentido, a Roda de Conversa pode ser entendida como uma resposta às necessidades de organização de ideias e gerência de conflitos, mas como uma resposta que vai sendo exigida pelo próprio grupo e que pretende cultivar os valores da solidariedade, do amor e da amizade, do respeito às diferenças, do senso crítico, do aprendizado dos direitos e dos deveres.

Na prática educativa, a liberdade e a oportunidade de dizer a palavra pronunciando o mundo são pontos de partida do processo de afirmação dos sujeitos que a integram. Podendo dizer, o educando se vai afirmando como sujeito que pode conhecer, que pode superar seus limites, entender seus conflitos, construir e encaminhar formas de intervenção sobre a realidade vivida.

A educação escolar ao proporcionar o exercício do diálogo horizontal entre os seus diferentes sujeitos, onde se é permitido dizer sem medo ou castração o que se pensa e o que se sente, preenche de sentido os seus reais objectivos. A **constituição e afirmação do sujeito**, “onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico,

científico, mediados pelas experiências do mundo” (Freire, 1991: 83), se estabelece, portanto, nesta relação crítico-dialógica entre educandos e educadores e entre estes e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

DEVRIES, R. & ZAN, B. (1998) *A ética na Educação Infantil – O ambiente sócio-moral na escola*, Porto Alegre: ArtMed Editora.

FREIRE, Madalena (2002a) *A Paixão de Conhecer o Mundo* (15ª edição). São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (1991) *A Educação na Cidade*, São Paulo: Cortez Editora.

_____ (2002b) *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa* (24ª edição), São Paulo: Paz e Terra